

Representações sociais de pessoas idosas sobre as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação: desafios e possibilidades

Social representations of senior citizens on Digital Information and Communication Technologies: challenges and possibilities

Larissa Soares Franco Miranda¹, Patrícia Ortiz Monteiro², André Felipe Costa Santos³

RESUMO: O aumento da expectativa de vida na população brasileira e a revolução tecnológica na sociedade contemporânea tornam essencial a compreensão das interações sociais mediadas por tecnologias digitais, sobretudo no contexto das pessoas idosas. Este artigo, resultante de uma pesquisa conduzida em uma instituição pública em São José dos Campos/SP, que oferece treinamento em informática, tem como objetivo analisar as representações sociais de pessoas idosas sobre as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). O estudo adota uma abordagem qualitativa descritiva-exploratória, envolvendo 22 participantes idosos. Os instrumentos de coleta de dados incluem um questionário sociodemográfico e entrevistas semiestruturadas individuais. Os dados foram processados utilizando o software Iramuteq e interpretados com base na abordagem processual dos estudos da Teoria das Representações Sociais, respaldada por Denise Jodelet. Os resultados revelam que as representações das pessoas idosas abrangem perspectivas otimistas, destacando as inovações e facilidades proporcionadas pelas TDIC, e perspectivas mais críticas, que enfatizam as dificuldades de aprendizagem, criando uma desigualdade geracional. Questões relacionadas aos impactos do uso dessas ferramentas nas relações interpessoais também são abordadas. Dada a natureza dinâmica das transformações nas TDIC, espera-se que este estudo abra espaço para novas reflexões.

Palavras-chave: Representações Sociais; Pessoas Idosas; Tecnologia Digital da Informação e Comunicação.

ABSTRACT: The increase in life expectancy in the Brazilian population and the technological revolution as characteristics of contemporary society impose the need to understand social interactions mediated by digital technologies from the perspective of

¹ Universidade de Taubaté (UNITAU)

² Universidade de Taubaté (UNITAU) & Universidade Estácio de Sá (UNESA)

³ Universidade Estácio de Sá (UNESA)

the elderly. This article, resulting from research conducted in a public institution in São José dos Campos/SP, which provides computer training, aims to analyze the social representations of elderly people regarding digital information and communication technologies. The study adopts a qualitative descriptive-exploratory approach, involving 22 elderly participants. Data collection instruments include a sociodemographic questionnaire and semi-structured interviews. The data were processed using the Iramuteq software and interpreted based on the procedural approach of Social Representations Theory, supported by Denise Jodelet. The results reveal that the representations of elderly people combine optimistic views, emphasizing the novelties and facilities driven by TDIC, with more critical views that highlight the learning difficulties that have created generational inequality. Issues related to the impacts of using these tools on interpersonal relationships are also addressed. Given the dynamic nature of TDIC transformations, it is expected that this study will open up possibilities for new reflections.

Keywords: Social Representations; Old people; Digital Information and Communication Technology.

Introdução

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005), até 2025, o Brasil será o sexto país do mundo em número de pessoas idosas, devido ao crescimento paulatino observado entre as pessoas com mais de 60 anos no decorrer das últimas décadas (OMS, 2005). Em 2031, o *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]*, estima que o número pessoas idosas (43,2 milhões) supere, pela primeira vez, o número de crianças e adolescentes de 0 a 14 anos (42,3 milhões). Em 2042, a projeção do Instituto é de que a população brasileira atinja 232,5 milhões de habitantes, sendo 57 milhões compostos por pessoas idosas (24,5%). Acredita-se que, antes de 2050, esse grupo já seja maior do que o da parcela da população com idade entre 40 e 59 anos e que alcance uma expectativa de vida de 81,3 anos. Por fim, projeta-se que o percentual de pessoas idosas chegue a 32,1% da população geral já em 2060 (Mellis, 2018).

Paralelamente a essa mudança no perfil etário da população, outra transformação importante refere-se ao uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) como ferramentas mediadoras das relações sociais e das relações entre os seres e o meio. Ao se considerar as especificidades do perfil das pessoas idosas, essa questão ganha ainda maior destaque porque as TDIC nem sempre fizeram parte do cotidiano dessa população, que foi impelida a aprender a utilizá-las e desenvolver novas habilidades em um contexto físico, sensorial e cognitivo marcado pelo processo de envelhecimento (Kachar, 2003).

Embora as possibilidades trazidas pelas TDIC sejam apresentadas como demandas à toda população, nem todos os indivíduos usufruem de forma igualitária das possibilidades disponíveis, seja por questões de ordem econômica que impedem o acesso às ferramentas e aos serviços, seja, inclusive, por questões etárias, evidenciada na resistência de muitas pessoas idosas face aos recursos tecnológicos. O uso das ferramentas associadas às TDIC exige um aprendizado contínuo, pois as tecnologias estão sendo constantemente reformuladas e renovadas, o que implica a adoção de uma postura de acompanhamento às inovações, do contrário, as relações sociais são negativamente impactadas, uma vez que são mediadas por essas tecnologias que mudam o tempo todo.

Apesar das prováveis dificuldades que poderiam estar associadas à aprendizagem de algo novo durante o processo de envelhecimento, Krug, D'orci e Xavier (2019) demonstram que o uso da internet pode ser considerado uma atividade clinicamente significativa, pois estimula o desenvolvimento e o ganho cognitivo como estratégia às perdas psicomotoras inerentes da senescência. Além disso, Silveira e Portuguese (2017) destacam que o uso do computador pode melhorar o estado emocional, a qualidade de vida e a habilidade motora manual, contribuindo positivamente para a percepção sobre a funcionalidade da pessoa idosa nas sociedades contemporâneas. Ademais, Santos,

Heidemann, Marçal e Arakawa-Belaunde (2018) reforçam a necessidade de manutenção das interações sociais, via TDIC, como forma de perseguir um ideal de envelhecimento saudável, especialmente para pessoas com mais de 80 anos de idade, como enfatiza Freitas (2019).

Considerando que “[...] a identificação e aprofundamento das representações sociais existentes são fundamentais na compreensão das práticas sociais, do saber, do senso comum partilhados pelos membros de um mesmo grupo sobre um objeto” (Clay, Chamon & Rodrigues, 2016, p. 262), o presente estudo teve como objetivo analisar as representações sociais de pessoas idosas a respeito das TDIC e verificar como essas representações inscrevem as suas práticas sociais. Nesse sentido, a partir de uma abordagem psicossocial processual (Jodelet, 2001) da Teoria das Representações Sociais desenvolvida por Serge Moscovici a partir de 1961 essa pesquisa busca colocar em relevo as representações, crenças, valores e atitudes que se imbricam em torno das TDIC para o grupo de pessoas idosas.

Pessoas Idosas no Brasil e a Inclusão Digital

O aumento da população idosa, observado pelos índices crescentes de esperança de vida, associada à diminuição na taxa de natalidade vêm mudando estruturalmente a distribuição etária da população brasileira (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2020). Esse cenário, de populações com idades cada vez mais longevas, advém de melhores condições de vida (moradia, saneamento básico, alimentação etc.) e do desenvolvimento da medicina e da indústria farmacológica, bem como do fortalecimento da gerontologia e das políticas sociais voltadas ao envelhecimento da população (Deus, 2023).

Esse fenômeno, embora global, acontece de forma heterogênea não somente entre os países, mas, inclusive, com diferenças por regiões no Brasil. Segundo dados do IBGE

(2020), como outras variáveis demográficas, as desigualdades regionais refletem consideravelmente no desenvolvimento etário das populações: na região Norte, 8,55% da população possui 60 anos ou mais de idade; essa porcentagem aumenta para 11,62% no Centro-Oeste; 12,32% no Nordeste; 15,58% no Sudeste; e chega ao seu maior índice no Sul, onde a população com 60 anos ou mais representa 16,09% da população.

A classificação de pessoa idosa, no Brasil, considera a população com 60 anos ou mais de idade. Essa definição, bem como a regulamentação dos direitos que lhes são assegurados na condição de cidadãos, encontram-se previstos no Estatuto da Pessoa Idosa, regulamentado pela Lei nº 10.741 (Brasil, 2003).

Em 2019, o número de pessoas idosas atingiu 23,9 milhões no Brasil, ou seja, 15,4% da população brasileira era de seniores, classificando o país como uma nação envelhecida (IBGE, 2020), conjuntura inédita para o país e que demanda “[...] formas de se pensar o envelhecimento humano, as políticas públicas de saúde, bem como a postura dos meios de comunicação como um todo” (Araújo, 2017, p. 26).

Dessa maneira, cabe ao Estado, primeiramente, a responsabilidade de compreender o processo de envelhecimento populacional em um cenário de mudanças características da contemporaneidade, direcionando políticas públicas para atender os anseios da população idosa, garantindo-lhe participação ativa na sociedade (Santos, 2017):

O protagonismo, a educação e a possibilidade de construir cidadania de forma positiva, empreendedora e criativa é uma oportunidade de promover uma melhor qualidade de vida, garantindo uma maior liberdade social e individual, sobretudo no poder da autonomia e na busca incessante de gerar conhecimentos e trocas de informações adquiridas através da inserção digital (Santos, 2017, p. 33).

Como parte desse trabalho que compete ao Estado e, de forma difusa, também à toda sociedade civil, a OMS recomenda, em uma das suas oito dimensões da vida que favorecem ao envelhecimento ativo e saudável, o acesso à comunicação e à informação (OMS, 2005). Tendo em vista essa diretriz, o Brasil sancionou o Decreto nº 10.113, que institui o Programa Viver – Envelhecimento Ativo e Saudável (Brasil, 2019), que objetiva “proporcionar a inclusão digital e social, para possibilitar a participação do idoso em atividades de saúde, tecnologia digital, educação, e a mobilidade física, com a melhoria da sua qualidade de vida” (Brasil, 2019). Para isso, o Programa prevê a “[...] inclusão digital do idoso por intermédio de cursos que o capacitem para o bom uso dos recursos tecnológicos, como redes sociais, informática básica e *smartphones*, dentre outros” (Brasil, 2019).

Participar ativamente da sociedade contemporânea implica estar inserido no mundo digital, pois as TDIC estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas. Consequentemente, as formas de relacionamento, tanto entre as pessoas, quanto destas com o meio, alteraram-se, pois a comunicação mediada pelas TDIC, por exemplo, acaba complementando a interação presencial e física. Desse modo, “[...] as tecnologias passam a fazer parte da vida das pessoas sem que elas se percebam que suas relações e interações estão permeadas e influenciadas por estes instrumentos contemporâneos” (Costa, Duqueviz & Pedroza, 2015, p. 606).

Para Santos (2017), a sociedade informatizada demanda um processo de (re)construção da busca por conhecimento, que oportuniza o desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária. Entretanto, para tal, ressalta o autor (2017), faz-se necessária a experiência real da inclusão digital, pois uma inclusão efetiva não se restringe a ter acesso físico a equipamentos digitais, a conexões e a cursos de informática instrumental, requer, também, a oferta do ensino de práticas associadas às reais necessidades de

informações, competências e identidades das pessoas idosas, com vistas à aquisição de habilidades para o uso e a apropriação adequada das TDIC.

Assim, cabe uma ressalva: ao se falar de acesso a computadores e seus recursos, fala-se da popularização e da democratização tecnológica, mas não se discute, efetivamente, a inclusão digital. Somente a partir de uma lógica orientada pela inclusão digital que se torna possível o acesso às oportunidades que as tecnologias oferecem, bem como o fortalecimento da cidadania, haja vista que a inclusão digital “[...] coloca à disposição dos cidadãos uma série de bens culturais” (Santos, 2017, p. 29).

Isto posto, Silveira (2015) destaca a necessidade de projetos com a proposta de proporcionar ao público idoso novas formas de inclusão, tanto digital, quanto social, por meio da socialização e da interação social impulsionada pela inclusão tecnológica. “Sabe-se que as oficinas de informática para idosos proporcionam inúmeros benefícios aos idosos, evitam que se isolem, estimula a memória, proporciona novas amizades, promovem a comunicação e o entretenimento com um círculo de pessoas mais amplo” (Silveira, 2015, p. 14).

Dessa forma, faz-se necessário a adaptação dos modos de vida aos novos meios sociais, compreendidos em especial como meios de interação e de propagação de padrões e valores culturais intermediados pela apropriação dos mais diversos objetos tecnológicos: aparelhos celulares, computadores, tablets, carros, eletrodomésticos, televisões, rádios, caixas eletrônicos, eletroeletrônicos. Ao se apropriarem do uso desses recursos, as pessoas idosas tendem a se apropriar também das TDIC, bem como das novas maneiras de processar informações, comunicações, conhecimento e aprendizagem (Santos, 2017).

Portanto, se as organizações, em especial as públicas, não considerarem cuidadosamente a exclusão/inclusão digital, tomada como uma questão abrangente e que

extrapola o âmbito individual, serão mantidas as condições para a manutenção do analfabetismo digital e a segregação das pessoas idosas de processos contemporâneos, acabando por reificar as representações calcadas em imagens e estereótipos negativos sobre as pessoas idosas (Santos, 2017).

Assim, pensar em políticas públicas de formação e inclusão tecnológica para pessoas idosas é um fator relevante para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, uma vez que essas políticas podem ser compreendidas como indicadores sociais de desenvolvimento.

Método

Visando analisar as representações sociais de pessoas idosas sobre as TDIC, a pesquisa foi guiada a partir da abordagem qualitativa de cunho descritivo-exploratório (Chizzotti, 2000) e fundamentada na abordagem sociogenética da Teoria das Representações Sociais - TRS (Moscovici, 2009; Jodelet, 2001).

Durante o XX semestre de 2023, conduzimos a coleta de dados com um grupo idosos associados a uma instituição pública federal localizada em São José dos Campos, São Paulo. Esse grupo era ativo na "*Oficina de Informática para Terceira Idade do Serviço Social*", uma iniciativa educacional inserida em um projeto social de convivência sócio comunitária; o objetivo desse projeto era promover sociabilidade, educação, saúde e qualidade de vida entre os idosos, utilizando o ensino de ferramentas de informática como um meio facilitador dessas metas. Durante o período da pesquisa, a oficina contava com a participação de 87 pessoas idosas, todas convidadas para o estudo, mas apenas 22 optaram por aderir voluntariamente e participar anonimamente da coleta de dados.

Foram utilizados dois instrumentos de produção dos dados: o questionário sociodemográfico e a entrevista semiestruturada individual (Poupart, 2014; Szymanski, 2018). O roteiro da entrevista semiestruturada individual foi planejada visando colocar

luz em três dimensões representacionais – 1. Tecnologias e Cotidiano da Pessoa Idosa; 2. Atitudes da Pessoa Idosa diante das TDIC; 3. Desafios e Potencialidades das TDIC – que, preponderantemente, emergiram em estudos anteriores sobre a temática dedilhados na revisão de literatura.

Para a análise dos dados produzidos, recorreu-se ao software gratuito *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de questionnaires (Iramuteq)* – versão 2021 – que permite realizar análises estatísticas em corpus textuais. Dentro desse escopo, adotou-se a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que facilita a geração de classes lexicais a partir das palavras ativas presentes nos textos.

Conforme indicado por Leblanc (2015), conduziu-se a leitura das palavras em cada classe no contexto das frases utilizadas durante a análise textual, propiciando a emergência de categorias e subcategorias alinhadas com o significado geral que cada classe apresentava. Por fim, os dados foram interpretados sob a perspectiva psicossocial da TRS, bem como considerando contribuições de outros autores dedicados à investigação das tecnologias contemporâneas.

Resultados

Quem são as pessoas idosas que participaram do estudo?

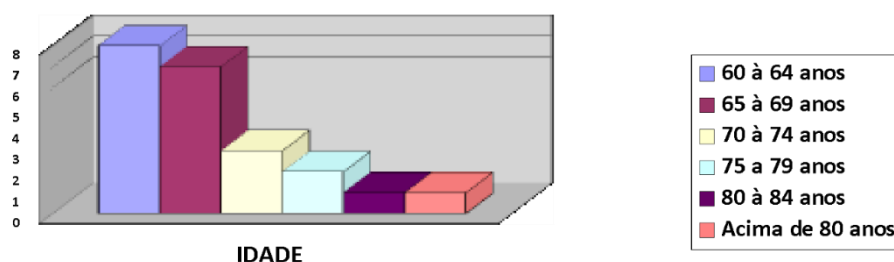
Em uma população total de 22 interlocutores de pesquisa, 13 (59%) declararam-se do gênero feminino e 9 (41%) declararam-se do gênero masculino. Essa disparidade de gênero observada na pesquisa, que indica uma predominância de mulheres, representa um recorte da realidade. No Brasil, com exceção dos estados do Acre, de Rondônia, de Roraima e do Tocantins (Deus, 2023), a população é predominantemente feminina. Esse resultado sugere que a relação de gênero encontrada na pesquisa acompanha o da população brasileira e, especificamente, do município pesquisado, pois os dados do

Censo de 2010 indicavam que, em São José dos Campos, a proporção era de 321.297 mulheres (51%) para 308.624 homens (49%) (IBGE, 2010).

O segundo elemento levantado na pesquisa sociodemográfica foi a idade dos sujeitos pesquisados, lembrando que, consoante à Lei 10.741/2003, pessoa idosa é caracterizada como um indivíduo com idade igual ou superior a 60 anos. Assim, na pesquisa, a variação de idade e de fases da velhice das pessoas idosas pesquisadas está circunscrita, respectivamente, na janela temporal da figura 1.

Figura 1

Gráfico da distribuição dos sujeitos por idade



Nota. Autores, 2021.

Nota-se que a janela representacional de idade dos participantes da pesquisa está enquadrada, majoritariamente, na primeira fase da velhice, que corresponde à idade entre 60 e 64 anos.

Ao serem questionados quanto à escolaridade, um participante afirmou possuir o Ensino Fundamental completo; oito idosos possuem o Ensino Médio completo; cinco idosos possuem, além do ensino médio, curso técnico de aperfeiçoamento; oito idosos concluíram o ensino superior, tendo, inclusive duas dessas pessoas com pós-graduação em nível de doutorado.

A importância de se pontuar acerca desse elemento constitutivo da caracterização dos interlocutores, juntamente como as variáveis de saúde física e estilo de vida, é a

capacidade de explicar as diferenças significativas no desempenho cognitivo das pessoas idosas que o elemento educação possibilita (Silveira, 2015). Além disso, a escolaridade é um dado importante para o estudo da velhice para se compreender como influências culturais, que estão interligadas ao aporte educacional que o indivíduo possui, atuam no comportamento individual, contribuindo, assim, com a desmitificação da homogeneidade do envelhecimento (Neri, 2007). De acordo com Neri (2007, p. 117): “[...]quanto mais alto o nível de escolaridade, maior a probabilidade de preservação das capacidades intelectuais até idade avançada”.

Sobre o mapeamento do estado civil dos participantes da pesquisa, foi constatado que os membros do grupo são, quase na totalidade, casados, pois 17 pessoas afirmaram esse estado civil. Dois participantes se identificaram como viúvos, mais dois como divorciados e um como solteiro. Esse resultado faz interface com a convivência sociofamiliar e pode estar relacionado com a qualidade de vida de uma pessoa, uma vez que a convivência com um parceiro ou parceira pode diminuir as queixas quanto aos sentimentos de solidão e abandono que poderiam ser experienciados em estados civis como divorciado, solteiro e viúvo.

Para dar continuidade à compreensão das situações de vivências sociofamiliares dos sujeitos pesquisados, investigou-se com quem as pessoas idosas moravam na ocasião da pesquisa. Os resultados foram: 13 pessoas idosas residiam à época apenas com companheiro (a); uma pessoa residia com companheiro (a) e filhos (as); três pessoas idosas residiam com companheiro (a), filhos (as) e netos (as); três pessoas idosas residiam com companheiro (a), filhos (as), netos (as) e genro (nora); e duas pessoas idosas residiam sozinhas, sendo uma idosa divorciada e outra viúva, em ambos os casos com filhos já são crescidos com residência separada.

O peso da conjugalidade e dos filhos é um ponto de destaque ao estudar famílias com pessoas idosas no Brasil, pois casamento e reprodução são eventos conexos na trajetória de vida das pessoas idosas (Neri, 2007). “Em todo o país aumenta o número de idosos que vivem sozinhos, principalmente mulheres, consequência do aumento da longevidade produzidas pelos avanços sociais das últimas décadas” (Neri, 2007, p. 56). Segundo a autora (2017), a composição domiciliar de pessoas idosas brasileiras ressalta, novamente, a questão de gênero, apresentando um recorte evidente entre os sexos. Esse fato se justifica porque as mulheres optam por não se casar à medida que a idade avança, seja na condição de viuvez ou divórcio, preterindo a possibilidade de um novo parceiro.

No que se refere à renda, de acordo com a classificação de classe social do IBGE (2022), seis participantes pertencem às classes A e B; cinco pertencem à classe C; seis pertencem às classes D e E; e outros cinco não possuem rendimentos. A partir da variável renda, notou-se que, para 59% dos entrevistados, a classe social tem relação direta com a maior ou menor aproximação das pessoas com as TDIC, como mostram as narrativas dos interlocutores da pesquisa durante a condução das entrevistas.

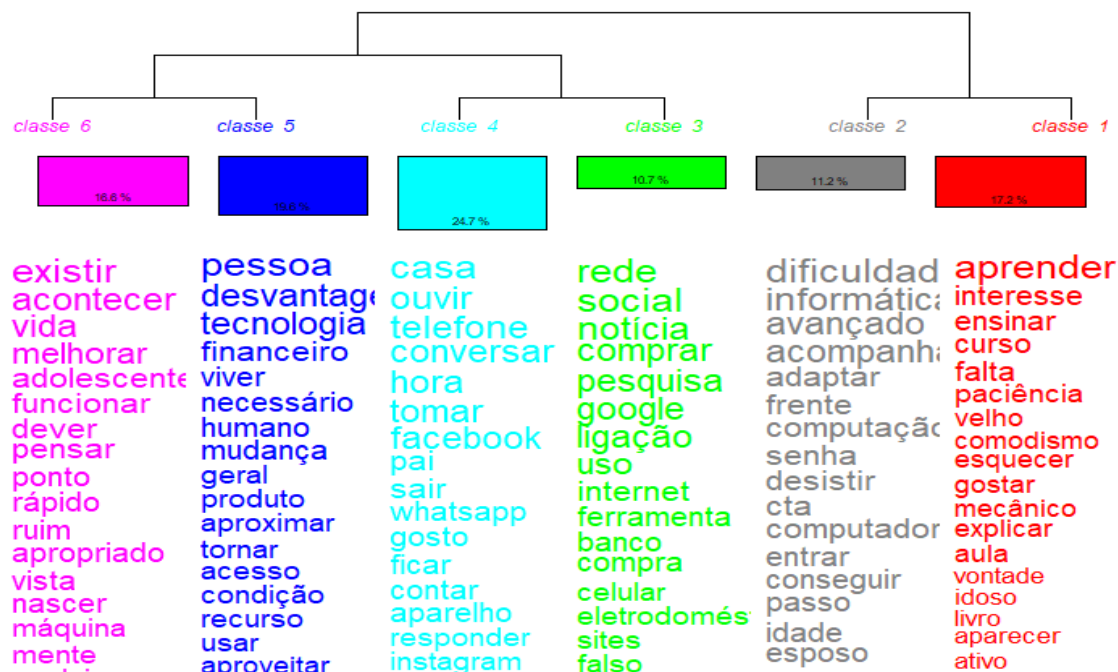
Quando foram questionados sobre a participação em grupos de convivências e/ ou em programas e projetos sociais antes da pandemia do Covid-19, doze interlocutores afirmaram frequentar grupos sociais, em contrapartida, dez disseram não participar com assiduidade de grupo algum.

Ao contrário da relação sociofamiliar, que é marcada por princípios de obrigação e responsabilidade, a esfera sócio comunitária põe em relevo a escolha pessoal. Como postula Neri (2007), o bem-estar psíquico e emocional melhora quando os idosos mantêm vínculos socioafetivos, especialmente com amigos e colegas, pois esse tipo de relacionamento é de livre escolha.

O que os idosos representam socialmente sobre as TDIC?

Figura 2

Dendrograma de Classes



Nota. Dados dos autores gerados pelo *software* Iramuteq, 2021.

Em apertada síntese, na Classe 1 (17,2%), categorizada como “Aprendizado das TDIC”, verifica-se a cristalização de duas subcategorias que indicam: as representações dos interlocutores sobre a forma como as pessoas idosas se apropriam/apreendem os equipamentos tecnológicos; e os ganhos sociais que surgem na vida das pessoas idosas ao aprenderem utilizar as novas tecnologias disponíveis.

Na primeira subcategoria aglutinam-se discursos que apregoam sobre as (des) motivações do grupo investigado em usar as tecnologias digitais, destacando-se: a falta de interesse em aprender a mexer nos objetos tecnológicos - “*O que falta mesmo é interesse de me conectar com esse mundo*” (Pessoa idosa nº 02); a falta de tempo em aprender a manusear corretamente as TDIC – “*Para mim, eu não uso mais por falta de tempo, mas tenho interesse, tenho que arrumar casa, fazer comida, então sobra pouco tempo no meu dia para isso*” (Pessoa idosa nº10); e a falta de paciência em aprender sobre

esses recursos – *“Eu percebo que hoje, porque estou mais velha, falta paciência de pegar e fazer [...] eu também não quero, eu acho chato ter que aprender essas coisas, acho legal para quem sabe, mas para mim não [...]”* (Pessoa idosa nº 22).

Por seu turno, a segunda subcategoria trata dos ganhos sociais da vida das pessoas idosas ao utilizarem as novas tecnologias, como: aprender tarefas novas e se entreter por meio das mídias sociais. Esses ganhos podem ser exemplificados nas falas: *“Quando eu não estou fazendo nada, eu vou para o Youtube aprender, porque, pela sala de aula, eu nunca tive a chance de aprender coisas de costura e o melhor é que, o que eu aprendi a fazer foi por lá”* (Pessoa idosa nº15); *“[...] eu vejo hoje todas as lives pelo celular, faço cursos pela internet, até aula de violão pela internet eu faço”* (Pessoa idosa nº 08).

Em síntese, essa categoria indica um conjunto de elementos sociais que inscrevem a aprendizagem da pessoa idosa às representações sociais dos interlocutores sobre os porquês de as pessoas idosas não aprenderem a usar as TDIC se referem à falta de interesse, de tempo e de paciência, sendo esta última característica, em alguns momentos, imputada às pessoas idosas como perfil inerente a essa fase da vida, o que reforça concepções estereotipadas sobre a velhice. Já em relação aos ganhos obtidos pela aprendizagem das TDIC, destacam-se: descoberta e aprendizagem de novas tarefas e a promoção de entretenimento e lazer.

Por seu turno na Classe 2 (11,2%), categorizada como “Desenvolvimento das Tecnologias e suas Dificuldades”, agrupam-se um com conjunto de falas indicando como o grupo representa o acelerado processo de desenvolvimento das tecnologias e suas consequências em todas as dimensões da vida cotidiana.

A primeira subcategoria dessa Classe traz à baila a avaliação do grupo a respeito do desenvolvimento das tecnologias. Conforme o grupo esse processo de tecnologização digital da sociedade contemporânea se deu de forma rápida, abrupta e disruptiva, fazendo

com que eles mal pudessem acompanhar, como observado no relato seguinte: *Ela [a tecnologia] passou de mim, o impacto que causa foi grande, eu nem consigo, eu parei no tempo, na verdade, da tecnologia eu cansei de correr atrás, eu não consegui e eu não consigo acompanhar* (Pessoa Idosa nº3).

Em simetria, a segunda subcategoria dessa Classe aponta para os significados associados às ramificações do desenvolvimento tecnológico na vida cotidiana. O grupo aponta criticamente que a adoção das tecnologias ocorreu de maneira distintiva entre membros de gerações subsequentes. Devido às dificuldades enfrentadas pelas pessoas idosas em acompanhar o avanço tecnológico, em comparação com aqueles que nasceram na era digital, há uma sensação de descompasso temporal, uma percepção de certo atraso, como evidenciado a seguir:

[...] para nós, que temos mais idade, é um mundo muito novo, porque a gente não viveu isso na nossa juventude, o que gera o problema da dificuldade da gente conseguir entender tudo, pois a gente não tem ainda toda a prática, o conhecimento e o manejo como os mais jovens, porque, como a gente não teve contato desde criança, adolescente, nosso conhecimento não se voltou para isso. É muito rápido para nós. (Pessoa Idosa nº 08)

É muito detalhe que você tem que entender no celular, no computador, na internet e muitas vezes você fica perdido, porque você não sabe trabalhar isso, com essa angústia, com esse medo de estragar o computador, apagar o que está fazendo, enfim. Então, ou pede ajuda ou já desiste. (Pessoa Idosa nº 08)

Essa disparidade ressalta a existência de nativos digitais, que cresceram imersos nas tecnologias digitais desde cedo, e acentua a questão da exclusão digital para as pessoas idosas, que podem se sentir marginalizadas ou excluídas de certos aspectos da vida moderna devido à sua familiaridade limitada com as tecnologias. Ao mesmo tempo,

destaca a necessidade de iniciativas de inclusão digital para capacitar e integrar efetivamente as pessoas idosas no contexto tecnológico atual, minimizando assim as lacunas geracionais e promovendo uma sociedade mais equitativa e conectada digitalmente.

Outro sentido destacado diz respeito aos impactos das TDCI no mundo do trabalho e à obrigatoriedade das pessoas idosas em se adaptarem a essa nova realidade digital:

Se o médico não se dedicar, não estudar e conhecer esse novo sistema, ele vai ficar mais para trás do que aqueles que estão na frente. Se não se dedicarem a esse estudo da tecnologia nova, [os jovens] não vão conseguir caminhar. (Pessoa Idosa n° 16)

Hoje, como está muito avançada a parte da computação, apesar de eu não ser um craque da computação, eu dou um jeito, porque tem que ir se aprimorando, se acostumando com a evolução da eletrônica e a da parte de celular também. (Pessoa Idosa n° 18)

Dessa forma, a tecnologização digital da sociedade é representado pelas pessoas idosas como difícil, devido aos avanços das tecnologias digitais acontecerem de forma muito veloz ao passo que elas nem sequer conseguem acompanhar, quem dirá se apropriar – disritmia de tempos. Como consequência de não se apropriarem das TDIC, é demarcada a diferença entre as gerações e produzido um sentimento de exclusão social e da sensação de atraso no tempo por não saberem dominar as tecnologias disponíveis.

Já Classe 3 (10,7%) categorizada como “Tecnologias utilizadas”, denota-se o registro representacional de como o grupo usa as TDIC. Como resposta, a rede social apareceu como a principal tecnologia digital usada no seu cotidiano e a responsável pela promoção de acesso à informação e aos meios de comunicação e pela adesão a novos comportamentos.

Essa categoria coloca em relevo a interpretação do grupo sobre os discursos e as linguagens digitais, como também como as tecnologias se integram nos espaços sociais apresentando diferentes finalidades e funções. Por exemplo: “[...] *quando eu preciso de um remédio na farmácia, uma comida no restaurante, saber como é que estão os jogos do campeonato, tudo enquanto você vai fazer na sua vida é ligado à comunicação, à internet*” (Pessoa Idosa nº 01).

Ademais, foram identificadas as principais ferramentas utilizadas grupo, são elas: celular, televisão e computador; bem como a variada utilidade dessas ferramentas na rotina das pessoas idosas, podendo alterar, até mesmo, elementos atitudinais e comportamentais. “*Em primeiro lugar o celular, utilizo para pesquisar alguma coisa no Google, para ligar, para jogar jogos e para ver notícias sobre artistas. Em segundo lugar televisão, para ver jornal e filme na Netflix*” (Pessoa Idosa nº 15).

As falas apontam para o que Brisolara (2018) explica sobre a influência dos dispositivos móveis na vida das pessoas, dada à variedade de funções que os aparelhos tecnológicos dispõem (relógio, despertador, calculadora, câmera fotográfica, agenda, calendário, GPS, programas diversos possíveis, infinita possibilidade de aplicativos para baixar e atender suas expectativas), e que os eletrodomésticos permitem auxiliar nas atividades necessárias da rotina. No relato seguinte, aparece a funcionalidade dos eletrodomésticos: “*Em terceiro lugar; os eletrodomésticos, que otimizam tempo o qual é gasto com outros serviços domésticos, não para me sentar e relaxar, só faço isso quando dá*” (Pessoa Idosa nº 22).

Diante do exposto, pode-se notar que as representações sociais desse grupo indicam que TDIC é tudo aquilo que tem algum tipo de mecanismo, produzido pelo homem através da ciência, e que traz à humanidade comodidade, praticidade, facilidade

de processos ou mais condições de conhecimento, independente de acesso à rede, à internet ou a algum recurso tecnológico de fato da eletrônica e/ou mecatrônica.

Dando prosseguimento, na Classe 4 (24,7%), categorizada como “Impactos das Tecnologias na Vida Cotidiana” é colocado em relevo os efeitos das tecnologias na vida dessa população. Assim, surgiram, duas subcategorias que versam sobre: os impactos positivos das tecnologias ao permitirem uma aproximação de pessoas geograficamente distantes e/ou fisicamente afastadas; e, os impactos negativos que as tecnologias provocam em distanciar fisicamente as pessoas e restringir a comunicação somente em espaços e encontros virtuais.

Em aprofundamento, a primeira subcategoria explicita um conjunto de práticas sociais sobre a integração das tecnologias nas relações sociais dos idosos e no seu dia a dia. Como Brisolara (2018) afirma, as tecnologias digitais são ferramentas tecnológicas que facilitam a aproximação com parentes e amigos por intermédio da comunicação, vertente esta modificada pelo seu grau de amplitude, pela sua variedade de formas de se apresentar e pelo seu poder de disseminação em larga escala em um curto espaço de tempo, somente possível, até o momento, na era digital. Em consoante com essa perspectiva, temos: *“A tecnologia hoje aproximou mais as pessoas, mesmo estando longe, a vivência da comunicação é a pessoa praticamente estar junto, no dia a dia, mesmo que não esteja fisicamente, antes não, tudo era feito atrasado”* (Pessoa idosa nº 01).

Criticamente, já na segunda subcategoria é revelado que as representações sociais desse grupo sobre as TDIC, são também, construídas pelo reconhecimento que por vezes as tecnologias acabam por causar o afastamento entre as pessoas, mas aqui é o afastamento causado pela falsa sensação de presença que as tecnologias digitais trazem. Os encontros com o ALTER se restringem a mera virtualidade e a um espaço social

diferente na qual a convivencialidade EGO-ALTER é intermediada precipuamente pela internet e o celular; como explicita o fragmento:

[...] nem em casa hoje ninguém conversa. Eu particularmente acho ridículo! Hoje ninguém mais dá atenção a ninguém, ninguém se comunica verbalmente, só usando o celular. Quando quer chamar alguém aqui, é mandando mensagem pelo celular. Os casais hoje não namoram, eles vão para uma pizzeria e ficam sentados no celular [...] a pessoa fica ali no celular, ninguém conversa com ninguém. (Pessoa idosa nº 14)

Logo, nesta classe, foram analisadas as crenças, os significados e os desafios das TDIC na vida das pessoas, especialmente a partir das mudanças geradas na sociabilidade, tanto no seio familiar, como na comunidade, motivadas por alterações contínuas de atitudes e comportamentos, provocados pelo uso das tecnologias digitais, que ao mesmo tempo em que aproximam as pessoas, por intermédio da conectividade, também as afastam.

Na Classe 5 (19,6%), categorizada de “Benefícios e Malefícios das Tecnologias” o grupo de idosos salienta pontos positivos e negativos das tecnologias. Entre os benefícios trazidos pelas tecnologias estão associados valores relativos à facilidade e ao conforto que as tecnologias e a internet geram na rotina dos usuários, agilizando as formas de comunicação e possibilitando novas conquistas, como observado nos relatos a seguir:

As pessoas estudam através das tecnologias. Para meus filhos, foram ótimas, porque tudo ficou mais fácil para eles. (Pessoa Idosa nº 14)

Do celular, você fala com o Brasil e o mundo, sem se preocupar com mandar carta, com registrar alguma coisa. Então, melhora na comunicação e na facilidade. (Pessoa Idosa nº 05)

Ela [a tecnologia] influencia muito mais positivamente, porque a gente pode se organizar melhor, buscar mais informações, estudar, tem aplicativos que a gente pode fazer compras, cursinhos [...] hoje, eu me informo muito mais, tenho muito mais informação no meu dia a dia, de forma mais facilitada, para eu organizar meu dia, pagar minhas contas, organizar meu orçamento, é muito bom! (Pessoa Idosa nº 07)

Em contraponto, foram identificados os desafios a serem enfrentados na modernidade por conta do uso incorreto das TDIC por dois grupos específicos: pelas crianças, devido à falta de controle dos responsáveis; e por pessoas de má fé, que as utilizam para espalhar *fake news*, aplicar golpes e acessar informações privadas.

Hoje em dia, as crianças têm muito acesso e em um certo exagero, em especial nas redes sociais, e eu acho que esse uso excessivo é ruim, porque tem outras coisas que uma criança pode fazer na infância, tipo brincar [...] os jovens de hoje, a criança, de modo geral, só vive de celular, de joguinho e outras coisas. (Pessoa Idosa nº 07)

[...] outras vezes, a tecnologia é usada de forma negativa [...] porque são mandadas muitas mensagens que a gente não sabe se são verdadeiras e aquilo deixa a gente em pânico. (Pessoa Idosa nº 21)

Ademais, foram identificadas duas preocupações pelos sujeitos pesquisados: o não acesso às TDIC por pessoas que não possuem condições financeiras - “*O que mais dificulta mesmo é a questão da classe social, tem lugares que as pessoas não têm acesso as TDIC porque não têm nem condições de pagar um plano de internet*” (Pessoa Idosa nº 07); e o aumento de comportamentos associados à ansiedade e ao aumento da tristeza - “*O que mais a gente vive de desvantagem é a existência de uma geração de ansiedade*” (Pessoa Idosa nº 22).

Portanto, nesta Classe, foi possível identificar as representações sociais do grupo investigado sobre as tecnologias perpassa a responsabilidade de mudanças de comportamentos (lazer, trabalho e consumo) e da comunicação e por acarreta na modificação nos estilos de vida das pessoas.

Por fim, na Classe 6 (16,6 %), categorizada como “Gerações e as Tecnologias”, o grupo pesquisado apresenta um conjunto de apontamento sobre o uso das tecnologias nas diferentes gerações. Segundo os pesquisados há um a clara diferença na vida dos indivíduos nascidos antes e depois do “boom” tecnológico dos anos 1980; isto é, para os pesquisados as tecnologias modificaram o mundo do trabalho, as perspectivas dos jovens e especialmente a forma em que as relações e espaços sociais são pensados e administrados. Apesar das tecnologias terem permitido uma melhor qualidade de vida para as pessoas, criticamente o grupo destaca que por vezes os jovens usam as tecnologias de modo nocivo, desmesurado e irresponsáveis; como destacam os trechos:

[...] existe realmente todo um lado da tecnologia que é para o avanço, para o bem, para o progresso, para tudo acontecer, para melhorar a vida do cidadão. Eu acho que a tecnologia é essencial para a nossa vida, é muito bem-vinda, eu acho que facilitou muito, em tudo! (Pessoa Idosa nº 08)

Eu acho que os jovens, os adolescentes usam errado, porque ao invés de eles usarem as tecnologias como uma ferramenta de trabalho, que é o lado mais apropriado da coisa, usam para o que não devem. (Pessoa Idosa nº 05)

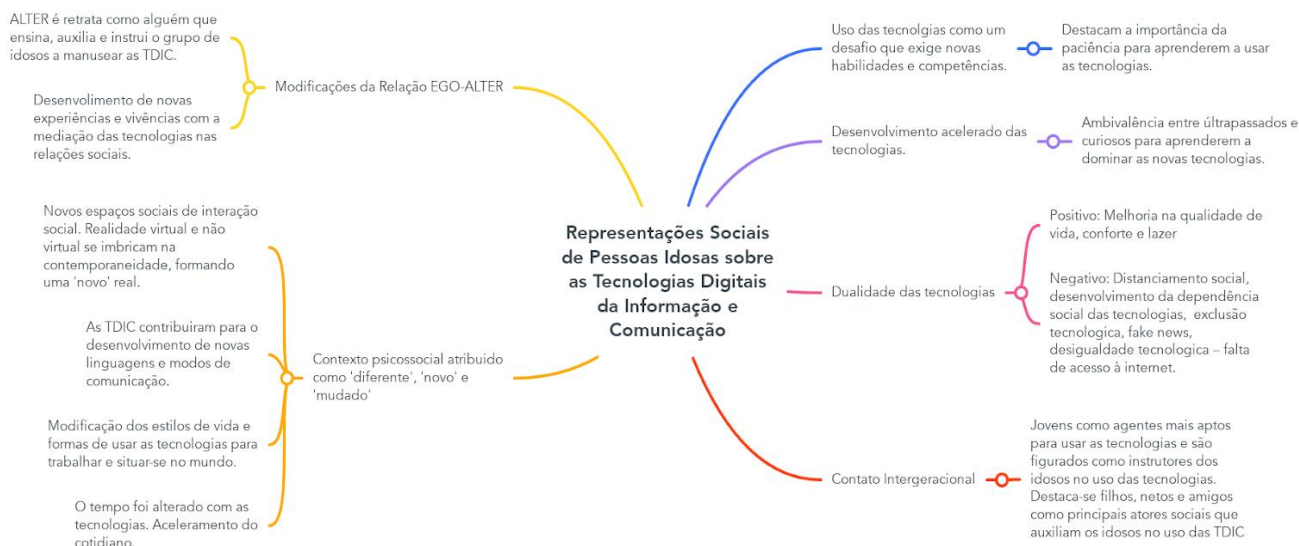
Paralelo a esses apontamentos, o grupo destaca que é fundamental ser desenvolvida uma ética para usar as tecnologias e fazer com que ela seja usada para o desenvolvimento e progresso da humanidade de modo responsável e resguardando a dignidade da pessoa humana.

Em alinhavo de oclusão e perante a complexidade representacional subscrita, nota-se a partir do prisma psicossocial da TRS que as representações sociais das TDIC para o grupo investigado foram sendo processualmente construídas a partir das experiências deles com as novas tecnologias e especialmente pelo contato com uma realidade que segundo o grupo foi drasticamente alterada pelas tecnologias e de forma silenciosa lhes exigiram novas habilidades e competências a fim deles estarem plenamente incluídos em um mundo que guarda uma espacialidade digital e não digital.

Nota-se que suas crenças, valores e atitudes sobre as tecnologias guardam uma ambivalência crítica que ao mesmo tempo em que reconhece as limitações e modificações nocivas que as tecnologias provocaram na modificação do estilo de vida da sociedade, apontam taxativamente que as tecnologias permitiram uma melhor qualidade de vida e especialmente tem lhe auxiliado na velhice. Por outro lado, nota-se que no bojo dessas representações sociais as novas gerações assumem lugar especial, ao passo que elas por vezes auxiliam esses idosos na inclusão digital e no usufruto da sua cidadania digital. Tal como sintetiza o mapa mental.

Figura 3

Síntese das Representações Sociais de pessoas idosas sobre as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação



Considerações Finais

Apesar do Brasil ter um conjunto de legislação que versa sobre políticas de proteção, promoção e cuidado à pessoa idosa, muito ainda precisa ser feito para promover a integralidade das ações voltadas a essa população, de forma que todo esse ordenamento jurídico tenha de fato efetividade.

Somado ao fenômeno biopsicossocial do envelhecimento, tem-se a presença cada vez mais marcante das TDIC na vida das pessoas. Neste artigo, esses dois fenômenos são estudados a partir da sua correlação, por intermédio da análise sobre as representações sociais das pessoas idosas sobre as TDIC.

Após a coleta e a análise dos dados, foi possível identificar e analisar as representações sociais dos interlocutores participantes a partir da análise dos discursos por eles proferidos. Dessa forma, a pesquisa possibilitou reflexões a partir da realidade e das concepções das pessoas idosas sobre as TDIC no seu cotidiano, evidenciando visões positivas e negativas, inclusive revelando aspectos paradoxais.

Nesse sentido, as aspirações dos interlocutores referem-se ao processo contínuo de mudança das tecnologias, que não se encerram em si, mas transcendem a um novo patamar, a outro nível de desenvolvimento, empurrando a humanidade para novas condições e possibilidades, como se fosse sempre uma perspectiva inteiramente diferente, com inúmeras possibilidades.

Os significados percebidos relacionam-se com a diversidade de possibilidades de uso das TDIC no tempo presente, impactando, inclusive, nas atitudes das pessoas e gerando novos sentidos, a partir dos valores que as vantagens e as desvantagens atreladas às TDIC passam a assumir nos contextos sociais e nas relações interpessoais. Sobre o impacto nas relações interpessoais, os interlocutores avaliam, paradoxalmente, como positivo e negativo. Ressaltam o aumento das possibilidades de contato com pessoas

geograficamente distantes, ao mesmo tempo em que criticam o distanciamento entre pessoas geograficamente próximas ou ocupando o mesmo lugar, como exemplificam ao narrarem o uso de celulares por casais e famílias durante refeições.

Além disso, as crenças dos participantes da pesquisa manifestam-se nos entendimentos sobre os incentivos e desestímulos para pessoas idosas aprenderem a usar as tecnologias digitais, acompanhando o processo evolutivo das ferramentas e dos serviços atreladas às TDIC. Neste aspecto, chama a atenção uma questão de ordem geracional delimitada pela forma como cada geração lida com as tecnologias que lhes são contemporâneas. Os interlocutores da pesquisa destacam que o fato de não terem nascido nisso que é chamado de mundo digital impõe a eles mais dificuldades, além disso, os mais novos e habituados às transformações não teriam paciência para ensiná-los a manusear equipamentos, utilizar serviços e coisas similares. Esse tipo de representação encontra respaldo na visão estereotipada sobre a pessoa idosa, que é tida como inapta para aprender coisas novas e se modernizar porque não se apropriaria em plenitude das ferramentas tecnológicas e suas possibilidades. Esse tipo de representação fomenta a exclusão social porque nega à pessoa idosa a inclusão digital; em um mundo digital, se um grupo não consegue se valer das TDIC no seu cotidiano fica excluído de muitos processos.

Ademais, os participantes da pesquisa apresentam algumas preocupações relativas às consequências do uso das TDIC, dito por eles como inadequado. O grupo de interlocutores ressalta a necessidade de atenção específica com o segmento social das crianças e dos adolescentes e com o grupo de pessoas que se vale das TDIC para prejudicar pessoas e instituições, seja disseminando *fake news*, aplicando golpes e/ou acessando informações privadas dos usuários. Não como preocupação, mas sim como crítica social, os interlocutores destacam a desigualdade de acesso às TDIC em razão de

disparidades econômicas, que, segundo o grupo, seria um fator limitante para o acesso às tecnologias, especialmente entre pessoas idosas.

Percebe-se, portanto, que as representações sociais sobre as TDIC das pessoas idosas que participaram do estudo não destoam muito das representações coletivas mais abrangentes da sociedade a respeito das TDIC e da relação entre estas e as pessoas idosas. Assim, um grande desafio que se impõe à sociedade contemporânea é fomentar políticas públicas que ressignifiquem as TDIC para pessoas idosas. No intuito, portanto, de mitigar a lacuna aberta na discussão pública, chama-se a atenção para a necessidade de intervenções governamentais que possibilitem o emprego das TDIC como estratégia de desenvolvimento da pessoa idosa em sua integralidade.

Sugere-se, por conseguinte, pesquisas contínuas a respeito do processo de envelhecimento e das TDIC, assim como da relação entre ambos, com o propósito de promover o engajamento multidisciplinar, contribuindo para o conhecimento científico do Desenvolvimento Humano e da Gerontologia, no estímulo a novos estudos sobre essa temática. Afinal, tanto as representações se reconstróem constantemente, como as próprias TDIC estão sendo inovadas de forma ininterrupta, o que implica no imperativo em continuar e renovar as reflexões apresentadas neste artigo.

Referências

- Araújo, C. L. (2017). *Idosos e Cidadania: um olhar sobre uma construção mediada pelas novas tecnologias digitais de informação e comunicação*. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) 135f. Goiânia.
- Brasil. (2003). *LEI Nº 10.741, de 01 de outubro de 2003*. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF: Presidência da República.
- http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm
- Brasil. (2019). *DECRETO nº 10.113, de 26 de novembro de 2019*. Institui o Programa Viver – Envelhecimento Ativo e Saudável. Diário Oficial da União: Brasília, DF: Presidência da República, 2019.
- Brisolara, C. B. C. (2018). *A representação publicitária de idosos utilizando dispositivos móveis: uma análise da velhice retratada na propaganda brasileira*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagem), 133f. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba.
- Camargo, B. V.; Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513-518.
- Chizzotti, Antônio (2000). *Pesquisa em ciências humanas e sociais* 4aed São Paulo. Cortez Biblioteca da Educação Série 1 v16.
- Clay, E.; Chamon, E. M. Q. O.; Rodrigues, A. M. (2016). Representações Sociais sobre os alimentos orgânicos para agricultores: uma revisão da literatura nacional. *Desenvolvimento em Questão*, 14(35), 243-273.

Costa, Sandra R. S.; Duqueviz, Bárbara. C.; Pedroza, Regina L. S. (2015). Tecnologias Digitais como instrumentos mediadores da aprendizagem dos nativos digitais.

Revista quadrimestral da associação brasileira de psicologia escolar e educacional, 19(3), 603-610.

Deus, Suelma de. (2023). Envelhecimento, Desigualdades Sociais de Raça/Etnia e políticas Públicas. In: TEXEIRA, et al. (org.). *Políticas Sociais de Cuidados de Pessoas Idosas em contextos nacional e internacional*. Curitiba: Editora CRV, p. 67-90.

Freitas, F. de. (2019). *Validação do Instrumento “Teste seu Cérebro” para Idosos: versão para ipad*. Dissertação (Mestrado em Gerontologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p.88.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). *IBGE Cidades*.

<https://cidades.ibge.gov.br/>.

Jodelet, Denise. (Org.). (2001). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

Kachar, Vitória. (2003). *Terceira Idade & Informática: aprender revelando potencialidades*. São Paulo: Cortez, 2003.

Krug, Rodrigo De R.; D’orsi, Eleonara; Xavier, André J. (2019). Associação entre o uso de internet e a função cognitiva de idosos, estudo longitudinal populacional Epifloripa Idoso. *Rev. Brasileira Epidemiologia*, 22, e190012, 1-12.

Leblanc, J.-M. (2015). Proposition de protocole pour l'analyse des données textuelles: pour une démarche expérimentale en lexicométrie. *Nouvelles perspectives en sciences sociales (NPSS)*, 11(1), 25-63. Doi:10.7202/1035932ar

Mellis, Fernando. (2018) Número de idosos no Brasil deve dobrar até 2042, diz IBGE.

Portal R7. <https://noticias.r7.com/brasil/numero-de-idosos-no-brasil-deve-dobrar-ate-2042-diz-ibge-25072018>.

Moscovici, Serge. (2009) *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis. Vozes.

Neri, Anita L. (Org.). (2007). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 288p.

Organização Mundial de Saúde. (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan – Americana de Saúde. Título original: Active ageing a policy framework.

Poupart, Jean. (2008) “A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas”. In: Pires, Alvaro *et al.* *A Pesquisa Qualitativa. Enfoques Epistemológicos e Metodológicos*. Petrópolis, Ed. Vozes.

Reinert, M. (1990). ALCESTE, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurélia de G. de Nerval. *Bulletin de Méthodologie Sociologique*, (28), 24-54.

Santos, A. G. dos (2017). *Tecnologias Comunicacionais e Idosos: aproximação ou distanciamento? O caso da associação dos funcionários públicos de São Bernardo do Campo/SP*. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, p.137.

Santos, Paloma; Heidemann, Ivonete Teresinha Schülter Buss; Marçal, Cláudia Cossentino Bruck; Arakawa-Belaunde, Aline Megumi. (2018). A percepção do idoso sobre a comunicação no processo de envelhecimento. *Audiology Communication Research*, Florianópolis, 24, e2058, 1-8.

Silveira, Michele M. Da; Portuguese, Mirna W. (2017). Efeitos do computador na cognição, estado emocional, qualidade de vida e habilidade Manual do Idosos. *Rev. Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e3522, 1-10.

Silveira, M. M. Da. (2015). *Desempenho cognitivo, estado emocional, qualidade de vida e habilidade motora manual de idosos participantes de oficinas de informática*. Tese (Doutorado em Gerontologia Biomédica) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 158.

Szymanski, H. (2018). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Autores Associados.